SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS SÔBRE DISCOS VOADORES

BOLETIM INFORMATIVO Nº 7

Emitido em 1º de janeiro de 1959

Publicação bi-mestral

* * *

ORIENTADO SEGUNDO DISPOSITIVO ESTATUTÁRIO PELO

2º VICE-PRESIDENTE

* * *

*

É DE GRANDE INTERÊSSE A PERMUTA COM PUBLICAÇÕES CONGÊNERES
(we would like exchange with similar papers)

* * *

O NOSSO BOLETIM

Repetimos, com prazer, o que já dissemos no número anterior: apezar da vida atribulada de hoje, ou talvez por isso mesmo, o nosso Boletim tem sido recebido com especial agrado segundo é do nosso conhecimento através de manifestações espontâneas que nos vêm sendo dirigidas.

Isso decorre, talvez, do fato de sua leitura nos conduzir a investigações que nos empolgam pela sua natureza especulativa e fascinante, afastando-nos das preocupações diarias.

A tôdas as pessoas que nos têm prestado êste valioso apôio e estímulo, reiteramos nossos sinceros agradecimentos.

Nossos especiais agradecimentos à imprensa quer do Rio, S.Paulo ou dos demais Estados pela colaboração desinteressada ao divulgar assuntos referentes à nossa Sociedade.

RESUMO DO MOVIMENTO DOS DISCOS VOADORES SÔBRE O TERRITÓRIO BRASILEIRO
NO PERÍODO DE SETEMBRO A NOVEMBRO DE 1958

(Fonte de informação — Lux Jornal)

ESTADO	Nº DE VÊZES
Alagoas	1
Goias	1
Minas Gerais	2
Paraná	1
Santa Catarina	1
T o t a l :	6

Duas destas aparições se distinguem pela originalidade: dois discos distando entre si 50 metros foram vistos por dezenas de pessoas no dia 22 de outubro às 15 horas, na cidade de Sabinópolis (Minas). Os Discos seguiam com pouca velocidade em direção Oeste, mas produziam grande ruído e projetavam "estranha e forte claridade esbranquiçada".

Em 11 de novembro foi visto um Disco "arredondado e cintilante" na futura Capital Federal a 12.000 metros de altura. O Disco permaneceu no ar durante 30 minutos mas desapareceu "com incrível velocidade" quando um avião subiu para uma perseguição.

***

Palestra pronunciada pelo Dr. Walter Buhler, em sessão pública da Sociedade Brasileira de Estudos sôbre Discos Voadores, realizada no dia 11 de novembro de 1958.

A divulgação dêste interessante caso se deve a Mrs. Franky G.Muller, da Associação de Pesquisas sôbre Viagens Espaciais de Phoenix, Arizona, USA, maio de 1958.

O CASO REINHOLD O. SCHMIDT

Meu nome é Reinhold O. Schmidt. Minha profissão é comprar cereais em California para a Casa "Brawley, California". Fui transferido de Arizona no dia 25 de outubro, para a localidade de Kearney, no Estado de Nebraska.

Em outras épocas do ano costumo comprar cereais para uma outra companhia de Los Angeles. California. Quando fui transferido de Arizona deixei um capatáz encarregado da colheita em Willcox, Arizona e para êste fim eu estava empregando 3 máquinas do tipo "Minneapolis-Moline" que havia alugado.

Era uma tarde escura e nevoenta do dia 5 de novembro de 1957: eu estava inspecionando um milharal cuja safra havia comprado e outros que pretendia comprar ainda, 4 milhas ao Sul e uma a Leste de Kearney, quando me dirigi para uma estrada, à esquerda, que acompanhava o rio com a mesma finalidade, isto é, inspecionar o milharal. Após esta inspeção, já cêrca de 14,30 horas, dirigi-me a uma casa abandonada para poder dar a volta com o meu carro e retornar ao hotel onde residia.

Exatamente quando cheguei perto do lugar onde começava o desvio em direção da casa, notei um clarão intenso na minha frente, a uma distância de um quarto de milha(400 metros). Pensei que alguém estivesse dinamitando raizes de árvores, mas não escutei nenhum barulho de explosão. Decidí seguir o caminho em frente e verificar o que estava acontecendo.

Rodei em direção à margem do rio e quando cheguei a uma distância de 30 metros parou o motor do meu carro. Virei a chave de ignição várias vezes e pisei no arranco, sem resultado. Perguntava a mim mesmo se a estrada, que não era boa, pelos trancos e arrancos não teria trazido alguma confusão aos fios de eletricidade (instalação elétrica).

Quando olhei para diante vi aquilo que me pareceu um balão cheio pela metade.Contornando uns arbustos e moitas de capim, pude observar melhor e vi que não se tratava de balão mas de uma espécie de nave, larga, de aspecto prateado e de um metal que se assemelhava a aço ou alumínio polido.

A uma distância de 9 metros observei um jato de luz que partindo da nave, se projetava na parte superior do meu peito. Não sei se foi o susto ou a luz intensa que me paralisou mas o fato é que não consegui andar, nem mexer com os braços. Abriu-se, então, uma porta e dois homens caminharam na minha direção, perguntando-me se eu estava armado. Respondi que "não" e mesmo assim êles me examinaram, mas nada tomaram de mim. Agora eu podia me movimentar outra vez. Perguntei-lhes de onde eram, o que faziam aqui e que especie de veículo era aquêle.

Responderam-me que não me poderiam dizer isto desta vez.

Perguntei-lhes se poderia aproximar-me do veículo, para olhá-lo melhor e responderam-me afirmativamente, pois, de qualquer maneira não poderiam seguir por alguns minutos. Convidaram-me a entrar, e uma vez lá dentro o comandante me explicou que poderia ver tudo, sem tocar em nada.

Externamente esta nave parecia feita de um único pedaço de metal, sem escotilhas ou janelas, com exceção da porta pela qual entramos.

Internamente tudo era diferente; as paredes mais pareciam de vidro de uma grossura aproximada de 24 cms. eram completamente transparentes.

Olhando-se para cima via-se o céu, para baixo os arbustos e plantinhas e para a frente as árvores e tôda paisagem circunvizinha.

Havia 4 homens e 2 mulheres dentro da nave. Os homens usavam roupa de rua, eram de altura de 1 metro e 50 cms. aproximadamente e pareciam pesar mais ou menos 76 kg.As mulheres pareciam ter a mesma estatura dos homens, e pêso aproximado de 55 a 58 kg. A idade do grupo parecia beirar os 40 anos; mais pareciam de cor morena, queimados de sol. As mulheres de cabelo castanho, vestiam blusas de cor clara e saia escura e usavam salto de altura média.

Durante o tempo que estive dentro da nave as duas mulheres permaneceram sentadas em redor de uma grande mesa, na extremidade da sala. No centro desta mesa via-se um grande instrumento semelhante a um visor de aparelho de TV.

Também, na mesma extremidade da sala havia 4 colunas transparentes que continham um líquido de cor vermelha, verde, azul e laranja, respectivamente. Êstes tubos eram de uma largura aproximada de 12 cms. de diâmetro e 90 cms. de altura; o líquido se movia lentamente de cima para baixo como os pistões de um motor de explosão. As mulheres pareciam observar muito atentamente esta operação.

Os três homens trabalhavam num painel de instrumentos que cobria a parede mais larga de uma grande sala central e que parecia coberta de relógios, botões, mostradores e chaves. No centro dêste painel se via uma peça elétrica que também me pareceu um visor de TV mas que não funcionou enquanto ali estive. Vi um dos homens cortar alguns fios curtos de eletricidade. Olhei o painel para poder identificar os instrumentos, pois pensei que pudesse descobrir o nome do fabricante mas nada vi, interna ou externamente, que pudesse identificar a origem dos instrumentos. Sòmente alguns números regulares e romanos no painel.

Mais tarde calculei que esta sala central devia ser aproximadamente de 15 ms. de comprimento e 9 ms. de largura e 4 ms. de altura. Nas extremidades da nave havia 2 quartos de 8 ms. de comprimento nos quais não me foi permitido entrar. Mas, já à margem do rio, quando olhei para cima pude observar um tubo de 4 ms. de largura em cada uma destas extremidades; em cada um destes tubos havia um ventilador de 8 a 10 pás. Não pude saber a utilidade destes ventiladores, porque não notei nenhuma corrente de ar ou nenhum turbilhão de poeira quando o aparelho decolou.

Muito me fascinou o modo como os ocupantes da nave se moviam dentro da sala, quando se afastavam do painel, pois mais pareciam deslizar; era como se uma fita volante os conduzisse, mas no chão nada pude perceber. Perguntava a mim mesmo se o sapato que êles usavam seria a causa dêste locomover tão suave. Isto foi completamente acima do meu raciocínio e compreensão.

Todos os ocupantes da nave me cumprimentavam e se despediam dizendo-me:"Ver-nos-emos novamente". Não atinei, então, com o sentido exato daquelas palavras.

Outra coisa: o homem que conversou comigo o tempo todo, muito se parecia com um outro que estivera vendo a televisão comigo, na noite anterior, no hotel.

Na nave êle me disse: "Diga aos seus companheiros que nós sabemos que êles já viram esta nave antes e que vê-la-ão outras vezes."

Êle me perguntou também se eu sabia alguma coisa a respeito do programa dos satélites nos Estados Unidos. Respondi que não. Êle continuou: "Sim, vocês estão planejando mandar uns para cima, mas os dois primeiros nem sairão do chão e o terceiro subirá, mas vocês não receberão muitas informações por êle". Fatos posteriores confirmaram esta previsão.

Êles me falaram num inglês acentuadamente germânico; a língua entre êles usada era o alemão que eu pude compreender porque estudei numa escola onde se ensinava o alemão tanto quanto o inglês, de maneira, que ainda hoje, posso falar, ler e entender razoavelmente esta língua.

Depois de permanecer cêrca de 30 minutos dentro desta nave um dos tripulantes disse ao outro: "Wir sind fertig", o que quer dizer, "Acabamos" e assim o comandante me disse: "O senhor tem de nos deixar agora". Fiquei satisfeito com isso porque já estava me perguntando se ainda poderia abandonar a nave.

Quando deixei a escada e pisei em terra firme, percebí um motor tinha sido ligado e parecia o som de um grande motor elétrico tanto mais silencioso, quanto mais ganhava em velocidade. Depois de uns 12 segundos de funcionamento a nave se elevou verticalmente no ar; a 4ms. do solo tornou-se de côr preta, de piche, a 30 ms. tornou-se de uma tonalidade verde azulada e quando para o rumo sul-este, desprendeu repentinamente um clarão brilhante e desapareceu dos meus olhos.

Naquele dia as nuvens me pareciam à altura de 240 ms. mas o desaparecimento da nave se verificou muito tempo antes de ser atingido êste teto, talvez a altura de 45 ms. acima do solo. Mais tarde um empregado da Prefeitura contou-me que um trator, dois carros e um grande caminhão que se achavam sob a rota da nave haviam parado de funcionar durante a sua passagem.

Ainda a bordo da nave me recomendaram êles que só ligasse o motor do meu carro, quando já estivesse fora do raio de ação do aparêlho, para que pudesse êle funcionar.

Esta foi a primeira vez que ouvi falar nisto. Depois do desaparecimento da nave, já às 15,15 horas voltei ao meu carro que funcionou normalmente e me dirigí para Kearney.

Só então pude avaliar a magnitude da minha experiência o que me abalou de tal maneira que precisei parar o carro para recuperar o autocontrôle.

SCHMIDT NÃO SABE O QUE FAZER AGORA

Comecei a pensar se devia ou não contar esta minha experiência, pois tinha mêdo de perder o meu emprêgo, se esta aventura se tornasse pública. Por outro lado tinha mêdo que não acreditassem nas minhas palavras. Mas, lembrei, também, que o govêrno, através do rádio, e televisão, havia feito um apêlo para que se vigiasse o céu e se comunicasse a presença de qualquer objeto não identificado que fôsse observado.

Não tive dúvida, então, que meu dever de cidadão era fazer uma comunicação a respeito desta minha experiência. De fato, até então só me havia ocorrido a hipótese que a nave era de origem russa, com equipagem de cientistas alemães. Resolvi, falar, primeiramente, com padre da minha religião, e relatar os fatos e consultá-lo sôbre a melhor maneira de agir nesta situação, mas o padre estava fora.

Dirigi-me, então, à Delegacia de Polícia e perguntei pelo Delegado que também se encontrava ausente, em férias. Mas informaram-me onde encontrar o seu substituto, no Tribunal de Justiça; houve troca de telefonemas e combinou-se um encontro no Tribunal,

para onde me dirigi, pondo-o a par da minha experiência daquela tarde. Êste policial era, pois, a primeira pessoa com que eu falava sôbre o fato.

Êle me disse: "Vamos lá de carro". Entramos no carro e começamos a rodar e conversar. Disse-me êle: "Para mim existe uma coincidência estranha. Ouviu o senhor o soar da sirene hoje à tarde?"

"Sim", respondi, "a esta hora eu estava no meu quarto, no hotel, e pensei que fôsse um incêndio". "Não", disse êle, "alguém nos chamou e informou que um estranho objeto ou nave, no céu, se movia em direção de Kearney".

Quando chegamos ao local onde a nave havia aterrizado, pudemos notar as marcas deixadas pelos 4 suportes hidráulicos no leito sêco do rio "Platte". Também em uma das extremidades onde a nave havia pousado achamos um pouco de óleo na areia e nas fôlhas.

Êste óleo, fino ao tato, era de côr verde escura e tinha um gôsto doce, mas eu não pude saber a sua origem exata.

Sugeri ao policial que isolasse o local com cordas, destacando uma patrulha policial para guardá-lo, mas êle desejava voltar à cidade, entrar em contato com outras autoridades, ouvindo-lhes a opinião. Voltamos a Kearney e, então, falamos com o Chefe de Polícia a quem relatei a minha experiência, pondo-o a par de nossas observações sôbre o local de aterrizagem daquela estranha nave.

O Chefe de Polícia desejou visitar tal local, convidou o promotor da cidade e à comitiva se juntou ainda o reporter de uma fôlha local. Éramos 5 nesta segunda viagem e usamos um carro da polícia cuja sirene funcionou durante todo o trajeto.

Todos nós vimos as impressões no solo e o óleo na areia e todos concordaram que um grande objeto havia deixado ali as suas marcas. Tomando por base as impressões deixadas na areia calculamos que este objeto teria 30 ms. de comprimento e 9 ms. de largura; pela observação anterior calculei a altura em 4 ms.

Insistí mais uma vez na idéia de isolar e policiar o local até que as autoridades ligadas ao assunto pudessem examiná-lo mas responderam-me que isso não era necessário agora, pois que há havia 5 testemunhas convencidas de que um grande objeto havia alí aterrizado.

Colhemos um pouco dêste óleo esverdeado e o Chefe de Polícia informou que o mandaria examinar. Voltando o grupo à cidade, fiquei no "Fort Hotel" onde me encontrava hospedado.

Achei que com as providências que havia tomado estava cumprida a minha obrigação de cidadão e considerei o caso encerrado.

Espreguicei-me na sala do hotel, assistindo a um programa de TV, quando houve uma interrupção para a seguinte novidade sensacional: "NAVE ESPACIAL ATERRIZOU EM KEARNEY, NEBRASKA".

Isso foi irradiado sem meu conhecimento ou permissão. De fato, eu nem tinha chamado o objeto de espacial, porque até então nem sabia a sua natureza. 30 minutos mais tarde começou o telefone a tilintar e um mundo de reporteres, fotógrafos e outras pessoas procuravam informações. O Chefe de Polícia me telefonou e pediu que fôsse ajudá-lo a responder os pedidos telefônicos de informações que lhe eram feitos. Na Delegacia de Polícia me instalou no seu escritório com dois telefones nos quais eu respondia aos chamados, enquanto em outro fazia êle o mesmo serviço.

SCHMIDT RECEBE PUBLICIDADE NACIONAL

Êste movimento continuou durante 16 horas:fotógrafos e repórteres chegavam das cidades vizinhas e também de outros Estados. Às 21 horas aparecemos, o Chefe de Polícia e eu, numa estação de rádio; às 22 horas num programa de televisão, ambos locais e retransmitidos por uma rede nacional de estações. Nesta mesma noite havia sido programada uma eleição de administradores de uma escola em Kearney e algumas pessoas disseram que êste movimento havia sido provocado para estragar as eleições. Não obstante tudo correu normalmente.

Chegaram tantos repórteres e tantas pessoas interessadas à cidade que houve interrupção de tráfego alguns quarteirões em redor do prédio da polícia, e lá dentro só havia lugar para as pessoas se conservarem em pé. Minha última viagem ao local da aterrizagem havia sido às 3 horas da manhã e mesmo a essa hora lá se encontravam estacionados aproximadamente 30 carros com uma multidão andando para cá e para lá.

As atividades continuaram tôda a noite até 5 ou 6 horas da manhã, quando as autoridades modificaram a versão da história e me sugeriram que também modificasse a minha.

Fi-los ver que poderiam modificar o relato dos acontecimentos como desejassem , mas eu não faria isso, salvo se necessário à segurança dos Estados Unidos. Nada neste sentido êles podiam provar e assim, insisti em minhas declarações anteriores.

Então, perguntaram-me se poderiam me aplicar o detetor de mentiras.

"Agora não", respondi, "estou falando a cêrca de 16 horas e só após o descanso de algumas horas, poderei aceder a êste pedido".

SCHMIDT É DETIDO SEM MANDATO DE PRISÃO

Eu estava rouco de tanto falar; tinha estado exposto às luzes dos fotógrafos durante 15 ou 16 horas. Disse a um dos empregados da polícia que iria voltar ao meu quarto de hotel, para dormir. Então o Chefe de Polícia respondeu-me que eu não poderia fazer isso, porque estava detido.

"Qual é a razão disso?" perguntei. "Não sabemos, mas não poderemos deixá-lo sair daqui", respondeu-me êle.

Fui deitar na cadeia e quando acordei algumas horas mais tarde perguntei se queriam aplicar-me o detetor de mentiras. Responderam-me que já não era necessário e mais tarde me informaram que minha recusa anterior tinha sido acertada, dado o estado de fome, cansaço e exaustão em que me encontrava. Até hoje não me recuso à aplicação dêste teste, se fôr acompanhado por gesto idêntico das autoridades de Kearney.

Aproximadamente às 10 horas da manhã no dia 6 de novembro o promotor municipal entrou na minha cela com duas latas de óleo e comunicou-me que havia colhido algumas provas que justificavam a modificação do meu relato. Disse-me que uma lata vazia tinha sido encontrada pouco distante do local onde teria pousado a nave. A outra lata ainda cheia parcialmente, disse êle, era da mesma marca e número e fôra retirada da mala do meu carro, com o respectivo abridor. Respondi que precisavam inventar uma história melhor, porque essa era difícil de ser acreditada. Ou então, devíamos admitir que estávamos cegos eu, as autoridades de Kearney e mais as 500 ou 600 pessoas que haviam andado para cima e para baixo ao longo do rio, durante tôda aquela tarde, porque ninguém havia visto a lata de óleo que afirmava êle agora fôra encontrada naquele local, onde a nave havia aterrizado.

Sugeri que se tomasse as impressões digitais que houvesse na lata, mas não é do meu conhecimento que tenham feito alguma coisa neste sentido.

Na lata que me mostraram havia uns buracos redondos e o abridor que eu possuia no meu carro cortava em buracos triangulares. As duas latas de óleo em questão eram de marca Veedol; até hoje possuo ainda as duas que eu levava no meu carro naquela ocasião: uma é da marca RPM e outra Skelly.

Um speaker de rádio local contou-me mais tarde que a Veedol Co. tinha comunicado que vendia 5000 ou mais latas de óleo por dia e que êles queriam tornar público que o seu óleo não tinha gôsto. Mais tarde, descobri que havia sido derramado óleo na mala do carro e sôbre minha roupa. Pergunto: qual é o homem que deixaria na mala do carro uma lata de óleo, aberta e cheia até a metade?

Fui informado que dois oficiais da Base Aérea de Colorado Springs haviam chegado durante a noite, mas só me entrevistaram às 11 da manhã seguinte, 6 de novembro, quando me pediram que lhe contasse a minha experiência o que foi gravado em fita magnética.

Durante a sessão uma das autoridades locais perguntou em voz alta "como era possível que a nave tivesse se levantado verticalmente" ao que um dos oficiais da Fôrça Aérea, esquecendo completamente a situação em que estava, respondeu: "oh!. Nós sabemos o que faz a nave subir verticalmente".

Nêsse meio tempo reapareceram as autoridades locais no rádio e na televisão e declararam mentirosa a minha experiência.

Na prisão fui colocado incomunicável, sendo-me proibido não só receber visitas como atender a chamados telefônicos. Durante três dias meu patrão tentou comunicar-se comigo, sem resultado.

No dia seguinte, 7 de novembro de 1957, disseram-me que eu seria submetido a um exame de sanidade mental.

Pedi o telefone: queria falar com meu irmão e dizer-lhe que trouxesse um dos seus advogados mas, isto não me foi permitido. Disseram-me: "Nós temos bons advogados em Kearney" e na lista telefônica apontaram-me um nome dizendo:

"Aqui o senhor tem um bom advogado".

Êles o chamaram e verifiquei que se tratava do assistente do advogado da municipalidade. A primeira coisa que êle me disse foi: "Nós não acreditamos na sua história e desejamos que o senhor a modifique".

"Muito bem, tenho boas novas para o senhor", disse eu: "Não quero o senhor como meu advogado".

Entretanto, no dia seguinte os jornais anunciaram que eu havia constituído um advogado de minha livre escolha - justamente êle!

SCHMIDT É CONDUZIDO A UM HOSPITAL DE DOENÇAS MENTAIS

Nesta noite, 7 de novembro de 1957, às 23 horas fui apresentado à junta encarregada do exame de saúde mental. Eram os seguintes os membros desta comissão:

O Chefe de Polícia
O Advogado da Municipalidade
O Escrivão do Tribunal de Justiça
O Substituto do Delegado
O médico.

A sessão se realizou secretamente num andar superior do Departamento do Corpo de Bombeiros. O speaker da rádio local soube da reunião e tentou localizá-la sem resultado, só conseguindo-o muito mais tarde, graças a um policial, quando já não podia dela participar.

Quando o médico chegou me fez três perguntas:

1 - "O que o senhor pensa a respeito do povo de Kearney, Nebraska?"
Respondi que "não tinha ressentimento contra ninguém".

2 - "Insiste o senhor ainda na sua versão de ter visto uma nave?"
Respondi: "com certeza"

3 - "Concorda o senhor em ser internado num hospital de doenças mentais para ser submetido a alguns testes?"
"Não", disse eu, "e se insistirem na idéia, terão que assumir a responsabilidade".

Dentro de uns 15 minutos estava eu a caminho do Hospital de Hastings, Nebraska, sendo acompanhado pelo Delegado de Polícia, advogado da municipalidade e delegado auxiliar, que gracejavam comigo dizendo que eu teria enfermeiras bonitas e um descanso agradável. "Muito bem", disse eu, "um dia é da caça, outro do caçador", vou deixar os meus gracejos para mais tarde".

Naquela noite fui admitido no Hospital. Antes que os testes começassem chamaram um meu irmão em Hastings, Nebraska e outro em Grand Island e fizeram-nos ver que eu tinha tendências para suicídio e por isso deveriam dar consentimento para me internar num sanatório de doenças mentais, uma vez que o Hospital de Hastings não apresentava segurança. Foi-lhes sugerido pelas autoridades que solicitassem um delegado e um advogado para efetuar a minha transferência. Disseram ainda que minha gravata, cordões dos meus sapatos e meu cinto tinham sido retirados do meu alcance, por precaução, mas a verdade é que eu usava botinas e não sapatos com cordões e que todos os objetos citados continuavam no meu quarto, até mesmo minha navalha.

Meus irmãos se negaram a assumir tal responsabilidade a conselho dos seus advogados que explicaram que minha experiência estaria tendo tal repercussão que as autoridades desejaram anular o caso Schmidt. Disseram ainda os advogados: "se os senhores requererem a transferência, tôda a responsabilidade do caso recairá sôbre os senhores". Se não nos enganamos, o Schmidt sairá muito bem dêste caso.

Lembraram-se ainda os meus irmãos de um jantar de que participei exatamente no domingo anterior a esta História e nenhum dos presentes acreditava que eu poderia ter enlouquecido tão depressa.

Se bem que não residisse em Nebraska, nasci e fui educado próximo, em Kenesaw, Nebraska, próximo também de Kearney. Meus 4 irmãos e 2 irmãs moram ainda em Nebraska.

Além do fato de ser mencionado como candidato a suicídio, fui apontado como dado ao vício de fumar maconha, quando, em realidade, nem tabaco eu fumo, só eventualmente.

As autoridades também procuraram minha mulher, para ver se ela assumia a responsabilidade de me internar num sanatório de doenças mentais.

Na primeira manhã de minha hospitalização, às 10 horas, fui apresentado ao corpo médico do Hospital, aproximadamente 30 médicos e enfermeiras; respondi a algumas perguntas durante uns 20 minutos e depois convidaram-me a fazer também as perguntas que desejasse. Em seguida, permitiram que me retirasse e fui para a sala de recreação, para assistir a televisão.

Um pouco mais tarde veio o médico que deveria tomar conta do meu caso e me perguntou a razão do meu internamento no Hospital.

Respondi: "Não sei, não foi minha idéia esta de me internar aqui".

Então êle me informou que eu seria submetido a testes ao que acrescentei que talvez fôsse esta a razão do meu internamento.

Assim começou uma série de testes que se prolongaram por quase duas semanas.

(continua no próximo número)

* * *

"ENTREVISTAS"

Convidado pelo Boletim da Sociedade Brasileira de Estudos Sôbre Discos Voadores, o Dr. Abdo Abi Ramia, médico, por concurso, do IAPI, e clínico de renome nesta Capital e em Niterói, onde reside, aquiesceu, gentilmente, em opinar para os nossos leitores sôbre essas estranhas naves, que vêm constituindo um dos mais fascinantes enigmas da atualidade.

Pesquisador infatigável e entusiasta, amplos são os conhecimentos do nosso ilustre entrevistado sôbre os discos voadores, adquiridos através das publicações mais autorizadas sôbre o assunto.

Muito embora alguns dos conceitos aqui emitidos não correspondam, exatamente, aos pontos de vista esposados pela nossa Sociedade, transcrevemo-los, contudo, na íntegra, de acordo com as nossas normas de respeito à livre manifestação do pensamento.

P - Admite o senhor a possibilidade de serem os discos voadores procedentes de outros planetas?

R - De acôrdo com os nossos conhecimentos científicos atuais, parece que apenas Marte possui condições físicas não incompatíveis com a existência de qualquer forma de vida, tal como a conhecemos.

Nos demais planetas, ao que parece, as condições seriam ainda piores.

A escassez do oxigênio atmosférico, que admitem os cientistas exista em Marte, poderia ter sido paulatinamente compensada com a extração dêsse elemento de seus compostos. Em pequena escala tal análise não representa problema difícil aos nossos químicos.

Em suma, não sou infenso à idéia de que os discos voadores procedam de Marte.

Contudo, a pergunta a qual estou tentando responder, fala em "planetas", simplesmente, o que permite supor não se restringe ao sistema solar, mas inclui os bilhões de planetas espalhados no Cosmo ilimitado.

A nossa Via Lactea com os seus 40 bilhões de estrelas deve conter milhões de planetas, muitos dos quais podem ser bem semelhantes à Terra.

O mesmo cabe dizer quanto aos milhões de galáxias cada uma com seus bilhões de estrelas.

Surge então, o problema tempo e espaço.

Ouso aqui expressar um ponto de vista inteiramente pessoal, não científico, talvez intuitivo e aparentemente fantastico, mas em todo caso não incompatível com o raciocínio analítico e objetivo.

Conheço por observação direta, fenômenos concretos, cujo processamento de forma alguma se enquadra nas leis tridimensionais que nos governam. No nosso limitado ambiente experimental, ao alcance imediato de nossos sentidos e na ordem das cousas materiais, objetivas e físicas, ocorrem fatos que parecem excluir o que chamamos espaço e tempo.

Não tenho nenhuma explicação para tais fenômenos, mas a sua realidade é para mim tão vulgar como a queda dos corpos, a mudança do estado físico da matéria sob a ação do calor, etc.

Se em determinadas condições experimentais, muito simples e mesmo primárias do ponto de vista científico, podemos provocar fenômenos dessa ordem, não estariam êles já incorporados à técnica rotineira de uma humanidade da qual nos separam milênios de cultura e civilização?

A hipótese que ouso formular é a seguinte:

Os habitantes dêsses longínquos planetas possuiriam meios para transpor as barreiras do sistema tridimensional e atuarem fora do espaço e do tempo.

A mínima distância é para nós tão incompreensível quanto a máxima e a mesma impossibilidade existe em relação ao tempo. E com essa ignorância não estamos aparelhados para concluir definitivamente sôbre problemas de movimento, velocidade, espaço, tempo, matéria e energia.

Não seria possível o deslocamento por um processo que exclua o espaço, o tempo? Seria, então, dêsse modo, que chegariam até nós os discos voadores com os seus tripulantes. Velocidade, espaço, tempo, têm para êles outra significação. Esta hipótese é aparentemente fantástica, mas satisfaz ao meu espírito e me proporciona certo alívio quando sou levado a meditar sôbre os tremendos e angustiantes enigmas do Universo.

P - Acredita que os seus intuitos em relação aos habitantes da Terra sejam agressivos?

R - A minha concepção espiritualista não admite intuitos hostis nos tripulantes dos discos voadores, embora tenham sido relatadas certas ocorrências fatais, que considero acidentes. Nem mesmo sendo verídicos os relatos sôbre o desaparecimento de aviões com todos os seus ocupantes. É admissível uma explicação menos pessimista para êsses fatos.

A meu ver, a evolução do ser humano, a que por fôrça pertencem êsses estranhos visitantes da Terra, abrange as duas qualidades essenciais do espírito: a inteligência e o sentimento, embora sem um rigoroso paralelismo.

Um progresso unicamente intelectual seria uma nota dissonante no concêrto maravilhoso e harmonico do Universo. Há pequenos desvios que, todavia, não constituem uma derrogação da lei geral, mas a expressão estatística de uma outra ordem fenomênica. A coexistencia do saber e do mal constitui, precisamente, os afastamentos necessários para que se cumpra essa outra lei. Mas que a totalidade dos indivíduos de determinada civilização, os habitantes de certo planeta, por exemplo, tenham evoluído somente no sentido intelectual, é hipótese para mim inteiramente inaceitável.

Sêres moral e intelectualmente superevoluídos, não poderiam nutrir propósitos agressivos em relação aos seus irmãos mais jovens e menos evoluídos.

Há, ainda, outro aspecto: o móvel a que obedeceriam tais objetivos.

A idéia que logo ocorre, é de que o seu planeta de origem teria se tornado inadequado e estariam em consequência, a procura de um outro, que poderia ser o nosso. Entre milhões e milhões de planetas, a Terra teria sido a escolhida para êsse fim. Esta hipótese, além de não ser favorecida pelo cálculo de probabilidade, envolve numerosos problemas de difícil solução. Por outro lado, porque incluiria o extermínio dos habitantes da Terra? Sêres tão adiantados, acaso nao disporiam de meios pacíficos para compartilhar com os terrícolas dos benefícios de seu planeta, em troca de imensas vantagens científicas?

É como eu encaro êsse problema empolgante "Discos Voadores". Meu raciocínio, que leva em conta idéias e ensinamentos de grandes cientistas contemporâneos, me conduz a esta única posição otimista.

P - A seu ver quais as conseqüências favoráveis que advirão para a humanidade terrestre do contato com os discos voadores?

R - A resposta está implícita no que foi dito a propósito das intenções dos nossos visitantes planetários.
Na verdade, a história humana nos dá exemplos de que o contato súbito e maciço entre duas civilizações de níveis técnicos e culturais diferentes, foi em geral catastrófico para a menos evoluída. Uma expedição de "discos voadores" sob o comando de um Fernão Cortez significaria o aniquilamento da humanidade.

Felizmente o sábio-monstro é uma aberraçao isolada; não forma coletividades e seus malefícios são limitados.

Estou supondo (e não posso raciocinar de outro modo) a superioridade intelectual, técnica e moral dos tripulantes dos "discos voadores".

Sendo assim, grandes serão os benefícios que poderemos auferir de nosso contato com êles. Creio porem, que será apenas uma cooperação, uma ajuda. A nós é que cabe a responsabilidade de impulsionar a nossa evolução, utilizando de maneira construtiva, as próprias dificuldades que a vida física nos oferece.

Seremos nós os construtores de nosso progresso espiritual.

CIPEX e GENA

Na Rádio Copacabana, aos domingos, às 20,30 horas vem realizando interessantes palestras sôbre DISCOS VOADORES, o nosso amigo Luís Paulo Pastorino

---

CIÊNCIA CÓSMICA

Mais uma vez lembramos que Ciência Cósmica é um nome sugerido para afastar qualquer caráter particular, político ou religioso, para um programa Universal de Pesquisa e Evolução, tanto no campo da ciencia, quanto no de programa social.

Sob este título Adamski grupou e respondeu dando a forma de fôlhetos às inúmeras perguntas que lhe veem sendo endereçadas, com referência ao empolgante assunto - Disco Voador - sua origem e finalidade.

Recebemos um exemplar dêste folheto e publicaremos hoje uma das perguntas e respostas que nos pareceu de maior interêsse no momento.

9). P - Por que estão os homens do espaço tão mais adiantados do que nós?

R - De acôrdo com informações que me foram dadas, há milhões de anos os povos de outros planetas do nosso sistema começaram a se respeitar uns aos outros, como irmãos de uma família planetária, reconhecendo que todos eram filhos de um Criador Infinito.

Sem divisão de qualquer espécie, trabalhando juntos e em harmonia, foram êles capazes de concentrar seus esforços em estudos e progresso construtivos. Como resultado, aprenderam a bem conhecer as leis da Natureza e como aproveitá-las. Êste conhecimento tornou-lhes possível o uso de certas energias e seu aproveitamento na construção de naves que se baseiam em princípios próprios de cada planeta e, assim, teem conseguido transpor o mundo em que vivem, alcançando outros.

Por outro lado, a história da espécie humana está cheia de divisões motivadas, muitas vêzes, por ambições pessoais.

Destruir em vez de construir tem sido a nossa prática e em consequência só conseguimos sofrimento, doença e ignorância.

Presumimos, erradamente, que o planeta pertence ao homem e cada um reclama a sua parte. Em contraposição, nossos vizinhos do espaço compreenderam que seu planeta pertence ao Criador: assim, como numa grande família, repartem igualmente os seus bens.

"Em discordia, vivemos como estranhos uns com os outros."

"Em fraternidade, êles vivem em paz e harmonia."

CIPEX e GENA

MESA REDONDA

Realizada em 27-8-57

Continuação do Boletim nº. 4

P - Dada a superioridade técnica dos homens dos discos, por que êles não procuram conquistar-nos, matar-nos ou, pelo menos, impôr-nos uma esfera de influencia ?

R - Dr. José Augusto - Como já disse, tendo-os como pacíficos, animados dos mais nobres propósitos. Não esqueçamos que o hábito, comum às maiores nações da Terra, de subjugar e escravizar as menores, não é senão um resquício dos tempos bárbaros. Em outras palavras, ausência de verdadeira civilização.

- Ora, uma humanidade realmente avançada e civilizada não usa tais processos, porque incompatíveis com a dignidade humana, com o respeito que todos se devem e com a obediência à Lei de Deus.

Por essas mesmas razões, não creio, que, por mais nobres que fossem os seus objetivos, povos realmente superiores, como julgo serem os que usam os discos, fossem capazes de nos impôr, pela fôrça, o estabelecimento de uma esfera de influência. De resto, seria pouco inteligente tal política, porquanto a fôrça bruta não é o melhor elemento de convicção. Quando empregada sôbre um povo como argumento único, ou maior, os resultados são sempre precários.

Aqui, na Terra, costumam as nações mais poderosas criar nas mais fracas esferas de influência, pela fôrça das armas ou da economia, sempre com o objetivo de auferir vantagens materiais ou políticas.

Não creio que os homens dos discos tenham tais objetivos. Como disse, o propósito dêles deve ser apenas o de fazer o bem, de nos auxiliarem, esperando para isso, como é natural, que também façamos a nossa parte. --- (continua no próximo número) ---

YO ESTUVE EN EL PLANETA VENUS - É o título do livro em que Salvador Villanueva Medina relata sua viagem ao planeta Venu . Villanueva pediu-nos providenciasse a publicação em português do seu interessante livro que poderá ser adquirido no seguinte endereço:

IMPRENSA " COSMOS " S. R. de L.
Dr. Carmona y Valle 60-A
Mexico 7 - DF

: : :

GEORGE ADAMSKI - É com prazer que anunciamos aos nossos leitores e amigos que George Adamski pretende realizar, no próximo ano, uma viagem em redor do mundo, com o fim de divulgar suas experiências, tornar conhecido o material fotográfico de que dispõe e estabelecer contato direto com as pessoas interessadas no assunto Disco Voador.

Dentre os paizes a serem visitados está incluido o Brasil, onde pretende estar entre os meses de agôsto e setembro.

Sentimo-nos felizes ao fazer esta comunicação e esperamos contar com a prestimosa cooperação das pessoas interessadas a fim de que êste projeto de Adamski possa transformar-se em realidade.

* * *

Constantemente várias pessoas nos perguntam que livros poderiam ler para se pôr a par daquilo que existe sôbre Disco Voador.

A elas responderemos, limitando-nos a citar as publicações em português, sem qualquer intuito publicitário do autor:

1 - Discos Voadores - George Adamski - trad. da Editora Globo.
2 - Contato com os Discos Voadores - Dino Kraspedon.
3 - Num Disco Visitei Outro Planeta - Antônio Rossi.
4 - A Ronda dos Discos Voadores - João Martins - "O Cruzeiro de 3/5 a 7/6 pp.
5 - O Mistério dos Discos Voadores - Luiz Glauco Tôrres - "O Jornal" de 6, 8, 9, 11, 13, 15, 22, 30 e 31 de julho pp. e 10, 12, 14, e 16 de agôsto pp .
6 - A Verdade sôbre os Discos Voadores - Donald Keyhoe, trad. de Carmela Patti Salgado.

* * *

Correspondência em nome da Sociedade para os endereços abaixo:

Dr. José Augusto Costa Júnior
Rua Voluntários da Pátria, 115, c/1 - Botafogo.

Dr. Paulo Manzo
Rua Almirante Alexandrino, 20 ap s/102 - Santa Teresa.

Dr. Walter Buhler
Rua Joaquim Nabuco 185 ap 210 - Copacabana

TORNE-SE SÓCIO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS SÔBRE DISCOS VOADORES:-

Venha colaborar conosco : escôlha uma das seguintes modalidades de sócio:

CONTRIBUINTE - - é o sócio que pode votar e ser votado nas assembléias e reuniões, estando sujeito a pagamento de jóia e mensalidade.

CORRESPONDENTE - é o sócio que recebe o Boletim, com direito de votar e ser votado.

INFORMANTE - é aquêle que presta informações graciosas de interêsse da Sociedade, não estando, porém, sujeito a nenhuma obrigação. Não poderá votar, nem ser votado.

Foi fixada em Cr$ 50,00 a mensalidade dos sócios.

Todo sócio terá direito à assinatura do Boletim.

Lembramos aos nossos amigos que dada a majoração das despesas de impressão do Boletim não o poderemos distribuir como vínhamos fazendo e como desejaríamos continuar a fazê-lo.

Para se tornar sócio basta preencher o formulário abaixo nas linhas assinaladas e remetê-lo ao Tesoureiro da Sociedade no seguinte endereço:

Sr. Cristóvão Tostes Coelho
Rua Correia Dutra, 130 - Flamengo - Rio de Janeiro - D.F.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS SÔBRE DISCOS VOADORES

À Diretoria:

.... sócio .... propõe para sócio .... desta Sociedade, o Sr. ....(x) que, para tanto, presta as seguintes informações:

(x) Nac. .... Est. Civil .... Maior .... Prof...............

(x) ENDEREÇOS: Residência .... Nº .... Tel ....
Trabalho .... Nº .... Tel ....

Rio de Janeiro, de ....de 19..

(x) Proposto .... Proponente ....

Aprovado / Recusado em reunião da Diretoria de .... de .... de 19....

Presidente Diretor